

ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO LEITORA PARA UMA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR

VIEIRA, Maria Celina Teixeira – PUC-SP

GT-04: Didática

A leitura é um dos meios de o indivíduo manter-se informado e aprender em todas as esferas do interesse humano. O texto escrito é muitas vezes a chave mestra, condição por excelência, do processo ensino e aprendizagem. A leitura de um texto é instrumento básico para o professor, pois tem a consistência de documento e pode ser examinado, sempre que necessário, possibilitando a aquisição de informações, novos conceitos, análise e reflexão, em qualquer grau de ensino. Quaisquer que sejam as estratégias de ensino, sua base repousa, na maior parte das vezes, na capacidade de o aluno compreender o texto.

Poucas pesquisas sobre leitura levam em conta a especificidade dos universitários, graduandos e pós graduandos, que representam pequena e privilegiada parcela da população que consegue entrar e permanecer até onze anos na escola (Ensino Fundamental e Ensino Médio), resistindo a todos os mecanismos de seleção, porém, aumentando o índice dos que não sabem, não gostam e não querem ler.

Consultado o portal da Biblioteca Virtual de Psicologia (www.bvs-psi.org.br) em que se tem acesso aos periódicos referenciados nas bases LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências Sociais) e SCIELO (Scientific Eleytronic Library Online) encontramos algumas pesquisas que tratam de estratégias de compreensão leitora no ensino superior, entre elas: Hilla, 2004; Railton & Watson, 2005; Kit-Ling Lau, 2006.

A finalidade deste trabalho é analisar o discurso de professores e de alunos sobre as estratégias de compreensão leitora desenvolvidas por eles no processo de ensino-aprendizagem, no ensino superior: graduação e pós-graduação, na área de educação, de uma instituição de referência na cidade de São Paulo.

SOBRE LEITURA

O que é ler? Para que ler? Como ler? Essas perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos, e poderão revelar determinadas concepções de leitura, a partir da concepção de **sujeito**, de **língua**, de **texto** e de **sentido** que se considere.

Para Koch & Elias (2006 p.10 a 11) se o **foco for no autor** temos a língua como representação do pensamento. Um sujeito (autor) visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja captada pelo interlocutor (leitor) da maneira como foi mentalizada. O texto é visto como um produto, lógico, do pensamento do autor cabendo ao leitor captar essa representação mental, exercendo, assim, um papel passivo. A leitura é entendida como uma atividade de captação das idéias do autor ou de reconhecimento das intenções do autor sem se levar em conta as experiências e conhecimentos do leitor.

Se o **foco for no texto** temos a língua como estrutura, isto é, todo e qualquer fenômeno e todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer lingüístico quer social. Nessa concepção a língua é entendida como código, como mero instrumento de comunicação, e o sujeito (autor) como pré determinado pelo sistema. O texto é visto como simples produto da codificação de um emissor (autor) a ser decodificado pelo leitor bastando para este leitor o conhecimento do código utilizado. A leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto em sua linearidade, no reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto.

Se o **foco for na interação autor-texto-leitor**, concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos (autor e leitor) são vistos como atores, construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente se constroem e são construídos pelo texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores; contexto sóciocognitivo dos participantes da interação. Nessa perspectiva o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é assim, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

A perspectiva adotada neste trabalho concepção interacional (dialógica) da língua, em que os sujeitos (autor e leitor) são vistos como atores, construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente se constroem e são construídos pelo texto, a partir do contexto sóciocognitivo dos participantes da interação.

O sentido que o texto tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor lhe quis dar, mas uma construção que envolve o texto, com seu conteúdo e forma o leitor com suas finalidades, objetivos e conhecimentos prévios e o autor com sua intencionalidade. GOODMAN (1982); SMITH (1989); RUMELHURT (1984); SPIRO (1980); Van DICK (1983); KLEIMAN (1989).

SOBRE ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO LEITORA

A compreensão de textos é uma atividade complexa e envolve múltiplos processos cognitivos; um conjunto de atividades, recursos e estratégias mentais próprias do ato de compreender. A compreensão é, assim, um esforço para construir o sentido do texto, buscando-lhe a coerência.

Não podemos ensinar a compreensão nem o processo cognitivo. Nosso papel, o de professor, é o de criar oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo.

Muitas das dificuldades que o aluno tem em depreender o sentido do texto são tão fortes que o impedem de compreender o mesmo. Cabe ao professor, pela sua ação, em termos de procedimentos, mediar a situação. Por estratégias, entendemos o que Duffy e Rohler (1987) e Solé (1998) propõem: o desenvolvimento de planos flexíveis, que consideram a natureza do texto, de forma a garantir o conhecimento do todo, além de ativar no aluno conhecimentos prévios sobre o assunto, estabelecer hipóteses, etc.

A utilização de estratégias nesse sentido está intimamente relacionada ao uso em maior ou menor grau da consciência que o leitor tem das estratégias que utiliza ao ler. Em Brown (1980) e Kato (1992) vamos encontrar uma distinção entre estratégias cognitivas e metacognitivas. Para os referidos autores, estratégias cognitivas são aquelas que regem o comportamento automático e inconsciente do leitor, enquanto que as metacognitivas referem-se aos princípios que regulam a desautomatização consciente das estratégias cognitivas. Pensando em leitores proficientes a utilização de determinadas estratégias ocorre de maneira automática. Somente quando surge algum aspecto novo, capaz de bloquear sua compreensão, é que há uma desautomatização no processo de leitura e, nesse caso, o leitor age conscientemente, desacelerando seu processo de forma metacognitiva. Metacognição refere-se, assim, ao conhecimento do leitor e ao controle que este tem de seu próprio conhecimento na atividade de leitura. Para Spiro (1980:246), metacognição é o controle que o leitor tem dos diferentes

processos cognitivos que permitem construir a relação de sentido do texto com o contexto, permitindo descobrir, inferir informações e significados através de estratégias cada vez mais flexíveis e originais.

Para Baker e Brown (1984), o conhecimento monitorado é um dos elementos que levam à metacognição, portanto, à compreensão do texto. Para eles, o professor, além de ativar os conhecimentos prévios dos alunos para interpretar as novas informações, explorar o contexto do texto, levantando hipóteses com o intuito de fazer previsões, deve estabelecer objetivos claros, explorar a superestrutura e a macroestrutura do texto, de forma a identificar as idéias do texto.

METODOLOGIA:

Nosso objetivo é analisar o discurso de professores e de alunos sobre as estratégias de compreensão leitora desenvolvidas por eles no processo de ensino-aprendizagem, no ensino superior: graduação e pós-graduação, na área de educação, de uma instituição de referência na cidade de São Paulo. Mais especificamente pretende-se fazer uma análise do discurso identificando, descrevendo e discutindo tais práticas de compreensão leitora com vistas a proporcionar uma maior familiaridade com o problema, a torná-lo mais explícito.

SUJEITOS:

- Professores e alunos do curso de Pedagogia de uma universidade de referência na cidade de São Paulo. Aproximadamente cinco professores e dez alunos considerados, pelo grupo, como bons no trato com a leitura.
- Professores e alunos dos cursos de Pós-graduação em Educação de uma universidade de referência na cidade de São Paulo. Aproximadamente cinco professores e dez alunos considerados, pelo grupo, como bons no trato com a leitura.
- Optamos por Pedagogia e cursos de Pós-graduação em Educação, uma vez que, estes cursos são responsáveis pela formação e atualização de educadores para todos os níveis de ensino em nosso país.

TÉCNICAS:

- Entrevista estruturada a ser feita a professores e alunos da Graduação e do Pós-

Graduação.

PROCEDIMENTO:

Os recursos humanos e materiais para a elaboração e desenvolvimento das entrevistas, análise e interpretação dos resultados e elaboração dos relatórios, serão desenvolvidos pela pesquisadora numa estreita ligação com orientandos do Pós-Graduação e Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BAKER, L. & BROWN, ^a L. (1984) Cognitive and monitoring in reading. In: FLOOD, J. **Understanding reading comprehension**. Newark: International Reading Association, p. 21-44.
- BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. (1981) **Introduction to test linguistics**. London: Longman.
- BROWN, A. L. (1980) Metacognitive development and reading. In: Spiro, R. J.; BRUCE, B.C. & BREWER, W.F. **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey: Hillsdale.
- FÁVERO, L.L. & KOCH, I.G.V.(1983) **Linguística textual: introdução**. São Paulo, Cortez.
- DIJK, T.A. van .(1983) **La ciencia del texto**. Barcelona: Paidós.
- DIJK, T.A. & KINTSCH, E. (1983) **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press.
- DUFFY, G.G. & ROELHER, L R. (1987). Teaching Reading Skills as strategies. **The reading teacher**. V. 40, nº 4, p. 414-418.
- GOODMAN, K. S.(1982) **Language and literacy, the selected writings**. Boston: Routledge and Kegan Paul, cap. 3.
- HILLA, C V D. (2004) Estratégias de pré-leitura empregadas nos estágios supervisionados. **Revista teoria e prática da educação**, V. 7, Nº 2, p.137 – 141, Maio/Agos.
- KATO, M.(1992) **O aprendizado da leitura**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KIT-LING LAU. (2006) Reading strategy use between Chinese good and poor readers: a think-aloud study. **Journal of Research in Reading**. V.29 Issue 4, pp.383-399.

- KLEIMAN, A. (2006) **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Pontes.
- _____ (2007) **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes.
- KOCHI, V & ELIAS, V M.(2006) **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo; Contexto.
- RAILTON, D & WATSON, (2005) Teaching autonomy 'reading group' and the development of autonomous learning practices. **Active Learning in Higher Education**. V6(3) p.182-193.
- RUMELHART, D. E. (1984) Understanding, understanding. In: FLOOD, J. **Understanding reading comprehension**. Newark: International Reading Association, p. 1-20.
- _____ (1980) Schemata: The building blocks of cognition. In: SPIRO, R. J. **The psychology of reading**. New Jersey: Hillsdale, 1980, p. 33-58.
- SMITH, F. (1989) **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Trad. Daise Batista, Porto alegre: Artes Médicas.
- SOLÉ, I. (1998) **Estratégias de leitura**. (6ªed.) Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed.
- SPIRO, R. J. (1980) Constructive processes in prose comprehension and recall. In: SPIRO, R.J.; BRUCE, B.C. e BREWER, W. F.(1980) **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey: Hillsdale, p. 245-278.